

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - **UNEAL**
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - **PROGRAD**
PROGRAMA DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS -
PROLIND
CURSO DE LICENCIATURA INDÍGENA DE ALAGOAS - **CLIND-AL**
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JACILÂNIA MOTA DA SILVA

**MEMÓRIAS AUTO AFIRMATIVAS REVITALIZADAS E ORALIDADE DO
POVO XUCURU-KARIRI**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL
2015

JACILÂNIA MOTA DA SILVA

**MEMÓRIAS AUTO AFIRMATIVAS REVITALIZADAS E ORALIDADE DO
POVO XUCURU-KARIRI**

Trabalho de Conclusão de Curso/ TCC, em forma de Artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural em Ciências Sociais, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas/CLIND-AL, vinculado ao Programa de Licenciatura Intercultural Indígena/ PROLIND, ofertado pela Universidade Estadual de Alagoas/ UNEAL, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Tiago Barbosa da Silva

PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL
2015

MEMÓRIAS AUTO AFIRMATIVAS REVITALIZADAS E ORALIDADE DO POVO XUCURU-KARIRI

Jacilânia Mota da Silva

RESUMO: O presente artigo é resultado de conversas informais com os anciões do povo Xucuru-Kariri da cidade de Palmeira dos Índios, da aldeia indígena Serra do Capela. São 158 famílias cadastradas, porém na aldeia tem apenas 9 são aldeados 149 são desaldeados, esses moram nas periferias da cidade, onde tem como cacique Manoel celestino da Silva. O presente artigo tem como objetivo discutir a importância dos anciões da comunidade indígena aqui já citada, e também na escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino. Os velhos aldeados continuam a ensinar e a produzir os artesanatos, a entender sobre a mata e muito mais coisas. Esses ensinamentos atualmente fazem parte do contexto escolar, os mais velhos ajudam na forma como deve-se ensinar esses saberes no dia a dia da escola. Na escola as crianças ficam um tempo grande estudando e por isso é preciso para que trabalhe os saberes tradicionais, para que as mesmas aprendam suas tradições. Mas esses saberes não estão apenas na escola. Existem também aulas coletivas com os anciões envolvendo os alunos indígenas na mata, no seu local sagrado: Fazendo a tinta de urucum (O urucum é uma planta que os povos indígenas utilizam para fazer a tinta que é usada na pintura corporal nas festas e danças). Os saberes indígenas existem antes da existência da escola, por isso esses conhecimentos são ancestrais e os anciões são as pessoas que mais tem entendimento sobre os saberes dos povos Xucuru-Kariri.

Palavras chave: Memória. Conhecimento. Ancestralidade.

1. Introdução

Este artigo tem como finalidade abordar sobre as memórias auto afirmativas e revitalizadas dos anciões sendo transmitidas através dos tempos pela oralidade e as práticas dos costumes culturais para fortalecer a identidade do povo da aldeia indígena Serra do Capela, os anciões são os responsáveis pela narração das histórias antigas, com a nitidez necessária para se entender e compreender as concepções de mundo.

Nas sociedades indígenas que ainda não têm uma escrita sistematizada, a tradição oral cumpre um papel semelhante ao das bibliotecas e arquivos de outras sociedades. Assim, os anciões são os sábios das comunidades donos de memória prodigiosa, verdadeiras enciclopédias vivas encarregadas de perpetuar a tradição e a história de seu povo.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor em outros ou nas bibliotecas. Isto significa que antes de ser falada ou escrita, existe certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (ATLAN, 1972, p.461)

Existem caminhos diversos que através dos anciões são transmitidos a todos indígenas que se interessam em dar continuidade a identidade do povo a que pertencem: “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (GOODY, 1977. p.35). Cada história é parte essencial da experiência de vida que pertence a vida intrínseca de cada indivíduo indígena, na qual fica armazenada na memória, sendo transmitida através dos tempos pela oralidade e a prática dos costumes culturais para fortalecer a identidade do povo indígena.

A tradição oral, no terceiro mundo, é importante fator de enriquecimento e afirmação da identidade social valorizando a sabedoria dos mais velhos a potencialidade das crianças revelando a importância de amar, da amizade, do respeito, da solidariedade e da vida em comunidade. “É através da valorização dos ancestrais e das tradições que travão a perpetuação da cultura. Especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas dos ancestrais pelos anciões, onde é mais prezada a tradição e a herança da ancestralidade. (POTIGUARA, 2004, p. 81).

As práticas da religiosidade é um patrimônio vivo da fé, vivenciada e transmitida pelos mais velhos e sábios da aldeia, e repassado por fases de aprendizagem do sábio da aldeia, memória viva indígena, sendo eles as melhores testemunhas da fé em um ser superior. A mãe natureza nos quatro elementos principais: ‘Terra, Fogo, Ar e Água’, segundo os anciões, seus ensinamentos, só pode ser de boca perfumada a ouvido dócil e limpa, ou seja, inteiramente receptiva.

Através dos conhecimentos dessas sabedorias que são dos ancestrais é que a memória e a história indígena têm tido continuidade por meios desses métodos, pois é importantíssimo para a continuação, manutenção e geração de uma identidade, que só com a vivência e organização das lideranças é que os costumes culturais tende a avançar e estar realmente mostrando que de fato existe uma ampla ligação dos índios no contemporâneo com as características dos seus ancestrais. Segundo o Cacique Manoel Celestino da Silva, falando sobre os saberes ancestrais e a sua importância:

Que os nossos índios e índias que estão cursando suas faculdades, não se esqueçam das suas raízes, lembre-se sempre seu costume e tradições dentro da

aldeia, hoje vocês estão cursando as suas faculdades por luta nossa, digo os mais velhos os tuxá, meu desejo como cacique é fazer a cartilha do povo Xucuru-Kariri. (SELESTINO, 2015).



Fonte: Acervo de Ana Celestino. 2015.

No entanto, é preciso que uma pequena parcela da juventude indígena que são interligados a espiritualidade viva é que vem tendo interesses de dar continuidade as suas tradições ancestrais e de resgatar seus valores fundamentais a fim de reencontrar suas próprias raízes e o segredo de sua identidade profunda, além de indígenas jovens que estão nas Academias de Faculdades voltadas a Filosofia, Historicidade, Sociologia, entre outras que tratam de conhecimentos voltados aos valores da cultura e humanidade.

É necessário que se prime a observe com delicadeza, pois é vida de um povo e sua identidade, as lideranças jovens indígenas universitárias que tem necessidade de estudar para poder contribuir na sua comunidade com seus estudos de meios para manter seus costumes e tradições, que é repassado de geração para geração de acordo com as mudanças e adequação do tempo, de acordo com o modo de viver do povo indígena em seu espaço com a verdade vivenciada por nossos ancestrais.

O universitário jovem indígena precisa se capacitar cada vez mais frequentando cursos universitários que valorizar esses conhecimentos, acadêmicos para aprimorar nas suas comunidades, buscando aprender a valorizar ancestralidade que cada povo tem, sua cultura e o que seus antepassados viveram, para que nos sejamos

respeitados cada vez mais, como pessoas de uma identidade própria, de acordo com o que realmente somos Indígenas Brasileiros, independente de povos.

A participação das crianças e jovens no conhecimento dos ancestrais é importante, visto que, nelas estão as lutas e conquistas do seu povo. Alguns jovens estão estudando e aprendendo um pouco da cultura do homem branco, mas os anciãos alertam que a maneira com que o homem branco conduz os seus próprios costumes pode acabar exterminando em partes a cultura e a tradição do povo Xucuru-Kariri. Segundo o cacique Manoel Celestino, o homem branco está usando os recursos naturais de maneira errada. Em consequência disso, os acidentes climáticos estão acontecendo porque a humanidade não deu a importância aos saberes ancestrais dos povos indígenas.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino. 2015.

Com base na entrevista realizada ao cacique Raoni Metukitire, tratando dos jovens indígenas. Foi feita a seguinte pergunta: Qual visão que o senhor como cacique vê os jovens de antigamente para os jovens de hoje?

O povo não entendia a língua do outro então aconteceu o descobrimento do Brasil, o branco veio. Eu sou filho dos antigos, e tenho a sabedoria dos ancestrais, e me preocupou com os povos indígenas do Brasil e toda cultura. Mas o governo brasileiro não está respeitando a cultura, e o histórico dos ancestrais. Antes da constituição, nós íamos para o movimento sem saber do conforto, sem saber do movimento. O conforto e o alimento não vão conseguir trazer as coisas que estamos querendo, comíamos poucas coisas nós não sabíamos o que era o movimento, mas nós íamos assim mesmo para discutir o que estavam tratando o governo daquela

época. Hoje não, eu vou falar. Hoje o pessoal que conforto, o jovem que alimento bom: isso não significa que é guerreiro. O guerreiro não come muito; o guerreiro não tem conforto. Quando vou para a guerra, não uso cobertor: só uso a folha de bananeira para cobrir só a cabeça, mas hoje, o jovem quer comer na hora certa, e isso não vai levar resultado positivo para nossa aldeia isso que eu vejo. Então eu posso falar para os jovens, e espero que você divulgue essas imagens. O jovem de hoje tem que ouvir o que eu vou falar, tem que ser firme na língua, e só assim vamos ter o poder de enfrentar o nosso direito. Os jovens estão se vestindo a maneira que o branco veste, e isso não é nossa tradição. Eu sei que a disputa é grande; da tradição do índio com o branco e está tendo essa disputa, mas temos que ser guerreiros, é isso que eu quero falar para o jovem. (METUKITIRE, 2012).

2. Discriminação das práticas indígenas

As populações indígenas parecem oferecer maior resistência pelas sequelas do período colonial repressivo. E não é por menos. Eles foram forçados a abdicar de suas culturas, tradições, de seus valores e saberes por que eram considerados inferiores, satânicos e bárbaros (ou seja, eram considerados como sinônimos de entrar no mundo civilizado, moderno e desenvolvido) e para se tornar gente civilizada, moderna e desenvolvida. Eles foram obrigados a acreditar que a única saída possível para o futuro de seus filhos era esquecer suas tradições e mergulhar no mundo não indígena sem olhar para trás, mas, mesmo assim, muitos velhos sábios e anciãos indígenas estão superando esses traumas psicológicos, e embarcando no caminho que está sendo trocados e construída pelas gerações mais jovens, onde prevalece a recuperação da autoestima, da autonomia e da dignidade histórica, tendo como base a reafirmação da identidade étnica e do orgulho de ser índio.

Era desejo de o homem branco implantar uma nova civilização, que nunca fora solicitada pelos nativos. Nem um habitante do Brasil recém-descoberto havia apresentado qualquer petição as cortes europeias rogando que lhe fosse ensinada uma forma de viver diferente daquela herdada dos ancestrais há centenas de anos. Presente de gregos esse dos portugueses! Queriam índio a aceitar costumes e crenças totalmente incompatíveis com suas tradições.

Hoje, os que ousam justificar os massacres dos índios usam de silogismo absurdo para explicar a necessidade da presença do europeu no Brasil, assim como

gaguejaram para justificá-la na África e na Ásia. Inclusive, houve religiosos que, debaixo de falsas conclusões cristãs, aceitavam o genocídio como uma forma de apressar a entrada do índio no céu, mesmo contra sua vontade. O sim que o índio proferia diante dos símbolos cristãos não vinha de uma revolução consciente, mas era um ato inspirado pelo vapor aos arcabuzes e canhões que se colocavam por trás da pantomima.

As tribos do Brasil de hoje, justamente as que estabeleceram contato com o branco há séculos, já não falam a língua de seus ancestrais, fato que pode ser comprovado entre os remanescentes indígenas palmeirenses, mas, com o passar dos séculos, ainda continuam bastante fortes na autoafirmação da sua identidade étnica, através dos cânticos que são utilizados nos rituais, sendo em sua maioria no idioma dos ancestrais, bem como na utilização de ornamentos, pinturas, instrumentos musicais, entre outros utensílios característicos e próprios dos nativos Xucuru-Kariri, apesar dos castigos e imposição de outros costumes eles continuam resistiram e mantiveram muitos traços de sua cultura e tradição. Viviam protegidos pelas matas palmeirenses, os índios ousavam falar a língua nativa. Pairava no ar advertência do ditado popular.

“Matos tem olhos e paredes têm ouvidos o peso da autoridade do conquistador amedrontava realmente, porém montaram estratégias de sobreviverem”. (Ancião Osório Firmino). O ancião é reservadíssimo em assuntos religiosos resquício talvez das perseguições da inquisição, de fato, um poder mais alto intimidou os deuses nativos e, por isso, os anciões fecharam-se como antiga crença. E esse temor, que intimidava os ancestrais, perdura ainda hoje.

Todos os povos lutam para o bem, na cultura não existe bem privado, a terra é sagrada, a vida é sagrada, assim como o rio, a mata, as pedras e os animais, todos são importantes. Três personagens importantes para cada povo são o Cacique, Ancião e o Pajé, eles que incentivam a continuidade da cultura e dos costumes, são grandes educadores das crianças e dos jovens. O espaço de vozes tecido a luz do conhecimento ancestral, das tradições indígenas e, ao mesmo tempo, revela a estreita relação entre poesia, história e memórias, lugar e alteridade. O conhecimento tradicional não pode deixar solto, eles estão com os anciões, eles são a força da resistência, da identidade e conhecem e ensinam sobre a mãe terra.

O suporte da memorização não se situa ao nível superficial em que opera a memória da ‘palavra por palavra’, nem ao nível das estruturas ‘profundas’ que

numerosos mitólogos encontram [...] parece, ao contrário, que o papel importante cabe à dimensão narrativa e a outras estruturas da história cronológica dos acontecimentos (GOODY, 1977. p. 34).

Dando continuidade a esta discussão Potiguara afirma que:

A tocha da ancestralidade deve ser trabalhada dentro de cada um de nós, pois ela é riquíssima em conhecimentos, sejamos indígenas, negros, amarelos ou brancos. O nosso cérebro, fisicamente, guarda espaços e tradições jamais alcançados. É preciso lembrar, despertar da escuridão mental e espiritual e deixar fluir o inconsciente coletivo para que ele flutue nos mares da consciência, está que dá a Tônica da vida. (POTIGUARA, 2004. p.82).

É preciso uma forma extraordinária para resgatar os conceitos e princípios da ancestralidade que cada um tem dentro de si. O profundo anseio da alma fortalecida pela ancestralidade que existe dentro de todos nós, a verdadeira ancestralidade do ser primeiro a força construindo a grande força mental e espiritual, a grande frente em direção à conquista dos direitos humanos para nunca mais se permitir a opressão, a baixa autoestima, o conformismo, o racismo, a desvalorização do eu físico e da verdadeira personalidade, desta, os indígenas sempre estar fortes para lutar pelos direitos que lhes são garantidos.

É necessário fazemos uma reavaliação das histórias de vida dos velhos e velhos profetas, de qualquer etnia, nação religião, corrente espiritual, dando uma nova interpretação as suas palavras não interpretações segundo as crenças, velhos costumes, velhos modelos, velhos preconceitos; mas começar a perceber nas profecias deles os verdadeiros caminhos para a construção da paz e étnica que todos almejam.

Entretanto, considera-se posteriormente que, no caso dos índios do Nordeste, em virtude da ocorrência de grande perda cultural, além de entrevistas individuais, torna-se necessário também o método qualitativo de entrevistas individuais, torna-se necessário também quantitativo, com questionários fechados ou abertos, dependendo da experiência e da qualificação. É necessário ressaltar, que no caso, a de Palmeira dos Índios, a aproximação da memória se dá de duas formas uma, através da leitura dos livros publicados contendo relatos de pessoas que participaram da experiência do passado e da análise dos acervos fotográficos da época, e, a outra, através do contato com pessoas. A transmissão desses conhecimentos seja técnica, estéticos ou outros variam de uma cultura para outra, podendo ser feita pelos pais, irmãos mais velhos, especialistas ou pessoas mais idosas.

De modo geral, a idade da pessoa determina o início do aprendizado das diferentes expressões artísticas, sejam os cantos, as danças, os objetivos ou outro, os conhecimentos sobre os mitos e os cantos são transmitidos desde criança seguindo todo o desenvolvimento da sua vida, na qual atinge a vida de adulto, passando por vários ritos de acordo com a idade, considerando aspectos de aprendizagem.

Receber a herança ancestral do clã da família ou de uma cultura é uma missão a cumprir, isso é praticamente obrigatório dentro dos povos indígenas. Mas levar adiante essa herança é sabedoria.

A força de um povo não está no poder, no dinheiro, na indústria, na economia, mas na capacidade de ser, de amar, de lutar pelo próprio futuro, de permanecer. Também as minorias étnicas, os mais fracos, os pequenos, são protagonistas igualmente da história, carregando muitas vezes pergunta-chave.

A preservação de uma cultura é importante para a organização e um povo, pois com os índios não é diferente, o povo Xucuru-Kariri, assim como outros povos do Nordeste, sofreram influências dos não índios. Por causa dessa influência, os indígenas sofrem com preconceito, mas apesar das perseguições os indígenas continuam auto afirmando-se em sua identidade étnica, consideram-se guerreiros e varonis.

O convívio com o branco causou grande impacto na vida social e cultural dos índios, principalmente os povos do Nordeste que sofreram com essa miscigenação. Passaram a ter doenças trazidas pelos não índios, foram perseguidos quando praticavam rituais e impedidos de preservar sua cultura, algumas etnias foram exterminadas. Muitos deixaram sua comunidade, formando assim outras comunidades ou se juntando a outras que já existiam.

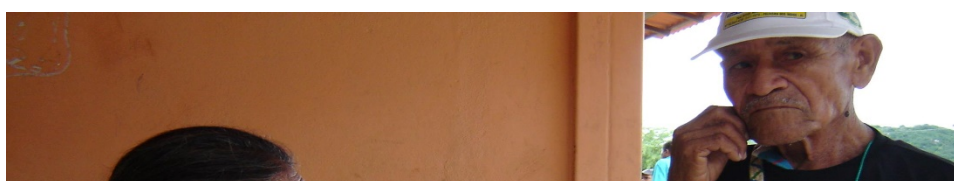
A atração do passado ancestral sobre a “memória selvagem” verifica-se também nos nomes próprios. No congo, nota Balandier, depois do clã ter imposto ao recém-nascido um primeiro nome do dito “dá-lhe um segundo, mas oficial, que suplanta o primeiro. Este segundo nome “perpetua a memória de um antepassado ancestral cujo nome é assim “desenterrado” escolhido em função da veneração de que é objeto. (1965, p.227).

Dessa forma, é que surgiu o povo Xucuru-Kariri, e outros grupos do Nordeste, uma das consequências causadas foi o idioma nativo esquecido no tempo, não porque quisesse esquecer, mas por ter sido obrigado, até o nome do índio no seu idioma nativo foi proibido, passando a ser chamado por nome Português, não tiveram nenhum respeito pela cultura de cada povo que são os verdadeiros donos da terra.

Os povos indígenas têm muito a contribuir na busca de um mundo melhor para a humanidade. E partindo da igualdade, da diferença e da parceria que podemos criar o novo. Esse novo só poderá ser criado se a sociedade nacional oferecer a oportunidade aos povos de mostrarem a nossa capacidade e competência de gerenciar o nosso próprio destino.

Todos os povos lutam para o bem coletivo, na cultura não existe bem privado, a terra é sagrada, a vida é sagrada, assim como o rio, a mata, as pedras e os animais, todos são importantes. Cada povo tem sua organização própria, mas as personagens que compõem universalmente esta forma organizacional são o Cacique, o Ancião e o Pajé, eles que incentivam a continuidade da cultura e dos costumes, são grandes educadores das crianças e dos jovens.

A coisa mais bonita que temos dentro de nós mesmos é a dignidade, mesmo se ela está maltratada, mas não há dor ou tristeza que o vento ou mar não apaguem. E o mais puro ensinamento dos velhos, dos anciãos parte da sabedoria, da verdade e do amor.



Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e regime; ao assegurar a passagem da esfera auditiva á visual permite reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas. (Goody, 1977. p.78).

Na aldeia indígena Xucuru-Kariri, Serra do Capela, localizada em Palmeira dos Índios. Observa-se a perpetuação através da sua cultura, sendo repassados principalmente pelo respeito e valor da Mãe Terra, cânticos, pinturas, ornamentos, e vida de um bem coletivo. Esses povos não só superam a prova do período colonial, baseado na opressão das suas práticas culturais, políticas e religiosas, mas também os embates da assimilação e da integração de tempos mais recentes.

Os povos indígenas da aldeia Xucuru-Kariri sustentaram sua autoridade graças às próprias estratégias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a ser vivenciados nas novas gerações, mas também, que essas sociedades encarem com relativo sucesso de situações novas, sem deixar de viver um bem comum entre todos.

3. Conclusão

Após todas essas descrições é interessante tecer algumas conclusões referentes ao tema com os anciãos que humaniza o conhecimento histórico. Não há

uma chefia centralizada as unidades políticas básicas são os grupos familiares. Mesmo assim, há lideranças cujas influências transcendentes suas aldeias de origem.

Em geral, são os anciãos, de famílias numerosas. Hoje, no entanto, alguns jovens também começam a assumir um novo tipo de liderança, pelas informações que acumulam da sociedade envolvida. Os anciãos acabam se sobrepondo em razão da força moral adquirindo pelo saber e pelo exemplo de comportamento, há um motivo a mais para respeitar os mais velhos.

Encontro a harmonia entre o velho e o novo, a tradições e a contemporaneidade, no convívio cotidiano e na relação com a sociedade envolve, é o desafio que se põe de sua capacidade de encontrar alegrias e beleza na vida.

Os anciãos têm como foco o desenvolvimento de atividades pautadas na sociedade, o fortalecimento de vínculos familiares e do convívio comunitário; suas histórias de vida são tecidas acessando sua memória e refletindo sobre as transformações sociais que vivenciam, narrando suas histórias, pois acreditam que não nos interessa conhecer a história da revolução francesa, as guerras mundiais, a ascensão da burguesia se não conhecem a história do povo Xucuru-kariri.

Como o princípio dessa história tem raízes fincadas há muitos séculos de distâncias, a narrativa dos fatos chegou-nos com tão acentuada dosagem de mistério, que mesmo os índios sentem dificuldade para interpretá-las, sendo raríssimos os que a conhecem.

Como os índios Xucuru-Kariri jamais tiveram qualquer tipo de escrita, os elementos de seu acervo cultural e histórico vêm sendo transmitidos oralmente, mas, com o passar dos séculos, ainda continuam bastante fortes na autoafirmação da sua identidade étnica, através dos cânticos que são utilizados nos rituais, sendo em sua maioria no idioma dos ancestrais, bem como na utilização de ornamento, pinturas, instrumentos, entre outros utensílios característicos próprios dos nativos da aldeia Xucuru-Kariri da Serra do Capela, em Palmeira dos Índios apesar dos castigos e continuam resistindo e mantendo sua cultura e tradição.

O espaço de multissignificação sugere um conjunto de vozes tecidas à luz do conhecimento ancestral, das tradições indígenas e, ao mesmo tempo, revela a estreita relação entre poesia, história e memória, lugar e nação, identidade e alteridade.

Referências

LÊ GOFF, Jacques, **História e memória**. 5 ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas/. SP: Editora da Unicamp, 2003.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, metade máscara**. São Paulo. Editora Global, 2004.

TORRES, Luiz B. **Os índios Xucuru-Kariri em palmeira dos índios**. 4 ed. 1984